

VERSION PORTUGAISE ET COURT THÈME

I : VERSION

Em meados de 1962 Benjamim Zambraia visitou os alicerces do grandioso prédio que se fundava em terreno anteriormente ocupado por um casario. Analisou a maquete e escolheu na planta um apartamento de sala e dois quartos no décimo andar, com as três janelas voltadas para a Pedra. Era um apartamento do fundos, mais barato do que os que davam para o largo do Elefante e as palmeiras do parque adjacente, mas o preço não influenciou na opção de Benjamim. Embora tivesse esgotado suas economias e contraído dívidas na aquisição do imóvel, Benjamim sempre optaria pela Pedra, mesmo que lhe custasse o dobro. Do décimo andar, frontal ao centro do abdome da Pedra, ele sabia que a iria encarar diariamente até o fim da vida. E ficou de fato conhecendo cada poro, cicatriz, verruga, toda a rugosidade daquela pele de pedra infantil, pois tratava-se de uma rocha recente, a se confiar nos geólogos. Benjamim estava certo de que, por mais que vivesse, jamais detectaria a mínima transformação na Pedra, pois no relógio das pedras a longevidade humana não conta um segundo. Mas de quando em quando ele tinha a sensação de penetrar na dimensão temporal da Pedra. Poderia conviver com a montanha solitária, fosse em era anterior aos índios, fosse muitíssimo mais adiante em sua idade adulta, as faces lisas e rijas, dado que as rochas parecem remoçar com o tempo. Benjamim imaginava que a Pedra, em contrapartida, concederia em se deter na vidinha daquele que, por um instante, foi o seu mais devotado contemporâneo. Pela ótica da Pedra, o aspeto de Benjamim que veio morar no prédio em frente, que toda manhã abria as três janelas, fazia flexões nos parapeitos, estufava o tórax e dizia “bom dia, Pedra”, seria o de um homem trinta anos mais velho que este do rosto escalavrado, que em silêncio a contempla. Benjamim não despreza a hipótese de que a razão esteja com as pedras, e que o tempo real corra ao revés do que nós convencionamos computar. É possível que os momentos que acabamos de viver subitamente se apaguem na nossa consciência, e se transformem em medo, desejo, ansiedade, premonição. E naquilo que temos por reminiscências talvez esteja o destino que, com jeito, poderemos arbitrar, contornar, recusar, ou desfrutar com intensidade dobrada.

No momento Benjamim tem a clara noção de que seu futuro está amarrado. Insone há várias noites, vê nascer o sol pela sombra do edifício na Pedra, e sente um aperto na garganta.

Chico Buarque, *Benjamin* (1995)

II : THEME

Parfois ingrate, le plus souvent exaltante, ma tâche de traducteur m'accapara pendant bien des mois. J'en garde un souvenir lumineux et, pour ainsi dire, printanier, peut-être à cause de la force, de l'exubérance de santé – et d'ingénuité – qui accompagne et manifeste tout mouvement inaugural. J'avais beau être déjà un homme assez savant, je n'avais jamais eu à rédiger, à quelque niveau de cursus universitaire que je me fusse trouvé, que des exercices scolaires. Même une communication savante n'avait jamais été pour moi qu'un travail strictement technique, qui se développe selon une rhétorique bien établie par l'usage et dans lequel le souci de l'information l'emporte sur tout autre, de sorte que l'écrit se trouve asservi à une finalité qui lui demeure extérieure tandis que la langue est utilisée comme un ustensile. Sans doute pourrait-on penser qu'il en va de même dans l'art de la traduction. Or, était-ce dû à la longueur du récit? à la personnalité de son premier auteur? il n'en allait pas ainsi avec cet ouvrage.

Jacques ABEILLE, *Les Barbares*, éditions Attila, 2011, p.65